

Vinte anos de debate livre no Clube dos Pensadores com a presença de Ângelo Correia

written by Rui Paulo Costa | 22 de Março, 2026



O Clube dos Pensadores (CdP) completou vinte anos de atividade contínua, celebrando a efeméride com a sua **151.ª sessão**, na passada sexta-feira. Fundado por Joaquim Jorge, o fórum atingiu um percurso que contabiliza a passagem de mais de **15 mil pessoas** pelas suas iniciativas. Durante a abertura da sessão, o fundador destacou o caráter voluntário e independente da organização, que sobrevive sem subvenções estatais, focando-se no “**serviço público**” e na “**liberdade de expressão**”.

A importância institucional do aniversário foi corroborada pela leitura de mensagens oficiais. O Presidente da República, **Marcelo Rebelo de Sousa**, enviou uma missiva classificando a

trajetória do clube como uma **“obra notável”**. Por sua vez, o Primeiro-Ministro, **Luís Montenegro**, descreveu o CdP como uma **“casa de liberdade, de pensamento, de tolerância e de alguma polémica”**, sublinhando que o espaço funciona como um contraponto à desinformação das redes sociais.

A visão de Ângelo Correia sobre a coesão social

O convidado de honra, Ângelo Correia, antigo Ministro da Administração Interna e figura histórica do PPD/PSD, iniciou a sua intervenção focando-se na **“maturidade”** dos vinte anos do projeto. O orador identificou o isolamento e o individualismo como os problemas mais graves das sociedades contemporâneas do século XXI.



Casa cheia com uma plateia plena de atenção.
Foto de SÔ-RUI/OCIDADÃO

Para Ângelo Correia, o Clube dos Pensadores atua como um **sistema gregário** que combate a solidão humana através da criação de unidades de confiança básica. Conforme afirmou, **“O elemento nuclear de um sistema político é a confiança. Quer dizer, quando eu, para decidir, sou representado por um senhor preciso de ter confiança, porque senão não acredito que ele me representa”**. O orador definiu o clube como um local neutral do

ponto de vista financeiro e partidário, mas afirmativo na vertente cultural.

O balanço geopolítico de perdas e ganhos no Médio Oriente

Instado a comentar a situação no Médio Oriente, Ângelo Correia apresentou uma análise sobre o conflito entre Israel e o Irão, descrevendo-o como uma guerra onde **“todos perdem”**. Na sua ótica, os Estados Unidos da América registam uma perda de confiança por parte dos países árabes, que esperavam uma proteção mais efetiva no terreno e não apenas a venda de equipamento militar.



Provedor da Santa Casa da Misericórdia do Porto, António Tavares, presente e ativo na interpelação à mesa. Foto de SÔ-RUI/OCIDADÃO

Relativamente a Israel, o orador expressou admiração pelo povo judaico, mas notou que a sua segurança foi fragilizada. **“Israel perdeu uma coisa. O espaço foi violado várias vezes. Percebeu-se que aquele Iron Dome tem buracos. Parece um queijo suíço”**. Sobre o Irão, destacou que, apesar da destruição de infraestruturas de defesa e comando, o regime obteve uma vitória de resiliência e ganhou tempo interno face a possíveis revoltas populares.

A Europa face ao risco da musealização

O debate evoluiu para o papel da União Europeia no contexto global. Ângelo Correia manifestou um pessimismo acentuado, defendendo que a Europa corre o risco de se tornar um **“museu”** caso não estabeleça uma política externa e de defesa comum. O antigo ministro criticou a dependência excessiva da NATO e a proliferação de doutrinas que, na sua visão, fragmentam a sociedade europeia.



Evento em evidência nos vários órgãos da comunicação social. Foto de SÔ-RUI/OCIDADÃO

No capítulo energético, a crítica incidiu sobre as políticas ambientais de Bruxelas. O orador classificou como **“loucura”** o custo das energias renováveis e a antecipação de metas ambientais por parte de Portugal. **“A Europa contribui para a**

poluição com 6,9% do PIB. Para que é que nós queremos fazer coisas que ficam muito mais caras quando a nossa contribuição não adianta nada?”. Defendeu, em alternativa, a necessidade de manter backups estáveis, como as centrais de gás natural, para evitar apagões perante a intermitência das fontes renováveis.

Diagnóstico à política portuguesa e à máquina do Estado

Joaquim Jorge e Ângelo Correia **convergir**am na análise crítica às instituições nacionais. O fundador do CdP identificou a classe política como o maior entrave ao país, alegando uma perda de espessura intelectual e a promoção da mediocridade. Joaquim Jorge salientou ainda a falta de capacidade de escuta dos governantes, afirmando, **“Têm uma boca e dois ouvidos. Só falam, não ouvem”**.



Convergência nas críticas e opiniões. Foto de SÔ-RUI/OCIDADÃO

Ângelo Correia reforçou este diagnóstico ao apontar a **máquina do Estado** como o principal inimigo de qualquer reforma. Segundo o orador, o sistema legislativo português está assente na suspeição e na penalização, o que inibe a ação dos técnicos e trava o desenvolvimento económico. **“Hoje em dia ser político não é ser um reformista. É ser um gestor do imobilismo”**,

concluiu.

O valor do reconhecimento e o futuro do Clube

O encerramento da sessão foi pautado por notas pessoais e pela reafirmação da missão do CdP. Joaquim Jorge expressou o seu cansaço face às dificuldades de organizar o evento sem apoios, mas reiterou o gosto em estar com as pessoas e promover o debate direto. Ângelo Correia incentivou a continuidade do projeto, argumentando que a obra pertence a todos os que participam e que o reconhecimento social é a base do trabalho voluntário.



Celebração. Que venham mais 20 anos! Foto de SÔ-RUI/OCIDADÃO

O evento terminou com a celebração festiva, com bolo, espumante e parabéns, incluindo a presença da família do fundador, simbolizando a ligação entre a cidadania e os afetos pessoais. O Clube dos Pensadores reafirmou-se, assim, como um **espaço de pensamento para a ação, mantendo a sua relevância no panorama social do Norte de Portugal.**

OC/RPC